

O TRÁGICO DA EXISTÊNCIA NA FILOSOFIA DE CIORAN

THE TRAGIC OF THE EXISTENCE IN CIORAN'S PHILOSOPHY

Rogério de Almeida

Faculdade de Educação da USP

Resumo: O objetivo deste artigo é refletir sobre o pensamento de Emil Cioran e as possíveis relações com uma filosofia trágica, como a de Friedrich Nietzsche e Clément Rosset. Como método, adotou-se a escrita fragmentada dos aforismos, emulando o estilo de escrita de Cioran. A reflexão aponta que Cioran é um filósofo do pior, que pensa negativamente a vida, mas também a afirma, a aprova, ainda que esta seja racionalmente injustificável.

Palavras-chave: Cioran, filosofia trágica, afirmação da vida

Abstract: The purpose of this article is to reflect on the thought of Emil Cioran and possible relations with a tragic philosophy, like Friedrich Nietzsche and Clément Rosset. As a method, we adopted the fragmented writing of aphorisms, emulating the writing style of Cioran. The reflection shows that Cioran is a philosopher of the worst, that consider negatively life, but also affirms, approves, even if it is rationally unjustifiable.

Keywords: Cioran, tragic philosophy, life-affirming

Cioran é filósofo porque seu modo de pensamento é suficientemente questionador? Ou antifilósofo por rechaçar a arquitetura das ideias, praticando marteladas de sabedoria e impertinência? Qual o grau de importância de sua escritura para seu pensamento? Ou, ainda, o que há em seu pensamento que já não foi pensado?

Seria legítimo dizer que o pensamento é uma coisa e a escritura desse pensamento outra? Poderia uma linguagem totalmente nova dizer novamente o que já foi dito, repetindo-o até que o próprio pensamento se torne novo? Essa é uma questão que ficará para os comentadores de Cioran, para a assembleia dos historiadores, que definirão qual o espaço e o número de páginas que os manuais dedicarão ao filósofo romeno que escrevia melhor o francês que os franceses.

Ainda sobre a escritura, dizia Cioran, logo no início de seus Exercícios de Admiração, que a desgraça de ser compreendido é o pior que pode abater-se sobre um autor. Referia-se ele ao estilo, à expressão, ao enunciado do pensamento ou à relação própria entre os parágrafos, os pensamentos e os livros? É uma questão de coerência ou de coesão?

Ou ainda: porque eu deveria me esforçar para 1) compreender Cioran? 2) Torná-lo compreensível?

Há na escrita de Cioran a mesma concisão das piadas, das fábulas, das máximas, das palavras de ordem, das epígrafes e dos epitáfios. Seu estilo é replicado dos moralistas, seu tônus não é patético, mas irônico, desestabilizador. A hipérbole de suas imagens, ou a hipotipose do

horror da vida, atinge paroxismos que beira o risível. Cioran está sempre a um passo do cômico, entre o mimo e o inferno, afagando o pior. Como no início de seu *Do inconveniente de haver nascido* (1973): "A impossibilidade de encontrar um só povo ou uma só tribo onde o nascimento provoque dor e lamentação prova até que ponto a Humanidade se encontra em estado de regressão".¹

Ou quando ri de si (ou de todos nós): "Sei que meu nascimento é uma casualidade, um acidente risível, no entanto, apenas me descuido e ajo como se se tratasse de um acontecimento fundamental, indispensável para a marcha e o equilíbrio do mundo" (Idem).

O estilo de escrita de Cioran é um entrave para a filosofia e, conseqüentemente, para seus comentadores, pois os textos curtos, os aforismos, os fragmentos, as lufadas de sabedoria, as pílulas do desconcerto, as gotas contadas de seu veneno, sem jamais escaparem da teia de seu pensamento, são incapazes de constituir um tecido, de estabelecer relações progressivas, de avançar rumo a uma arquitetura.

Não há paredes, assoalhos, dormitórios ou telhados na filosofia de Cioran, apenas tijolos. Ou melhor, pedradas. Nada escondido, nada erigido, nenhum gatilho. Também não é ruína, pois jamais houve construção. Fragmentos de uma bomba que nunca explodiu.

A forma literária de seu pensamento filosófico não é mera questão de estilo, mas força expressiva, dado constituinte de seu próprio modo de pensar.

Ou contagia ou não se compreende.

Como dialogar com a filosofia de Cioran senão emulando sua escrita?

O filósofo quer acabar com a filosofia, quer lhe dar a última palavra, quer fazer com

que ela silencie. Assemelha-se à criança que corre mostrar seu desenho à grande mãe sabedoria, esperando que ela lhe dê sua bênção entre os afagos do afeto. Cioran chegou tarde, a mãe moribunda pouco pôde lhe dar além de asco.

Eis seu lamento sobre a filosofia, definida como "fracasso de uma forma de pensamento que resultou num passatempo divertido incapaz de enfrentar uma perturbação essencial" (Cioran, Entrevistas).

A filosofia de Cioran é o enfrentamento da perturbação essencial.

O que é uma perturbação essencial? Ou: o que há de essencial na perturbação?

Cioran em *Do Inconveniente de Haver Nascido*: "Cometer todos os crimes, salvo o de ser pai".

Machado de Assis em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: "– Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria".

Outra passagem machadiana. O comentário final das duas águias do conto *Viver!* Bem poderiam estar falando de Cioran:

"UMA ÁGUIA – Ai, ai, ai deste último homem, está morrendo e ainda sonha com a vida.

A OUTRA – Nem ele a odiou tanto, senão porque a amava muito."

Com a ressalva de que, para Cioran, a vida nunca foi sonho, tão só pesadelo.

As entrevistas de Cioran atestam a lucidez dos escritos. Iluminam-nos. Por exemplo:

"Estava apaixonado por meus estudos, confesso mesmo que andava intoxicado pela linguagem filosófica, a qual considero agora como uma verdadeira droga. Como não se deixar abater e mistificar pela ilusão de profundidade criada por essa linguagem?"

¹ Todas as citações de Cioran aqui presentes foram traduzidas por mim do original francês e cotejadas com a edição espanhola, com exceção do livro de *Entrevistas*, consultado em português, com tradução de Juremir Machado da Silva e edição da Sulina (2001).

Traduzido em linguagem comum, um texto filosófico esvazia-se estranhamente. Seria preciso submeter todos a essa prova" (Entrevistas).

E o texto escrito:

"Na vida do espírito chega um momento em que a escritura, erigindo-se em princípio autônomo, se converte em destino. Então é quando o Verbo, tanto nas especulações filosóficas como nas produções literárias, revela seu vigor e seu nada" (A Tentação de Existir).

A obra de Cioran sobrevive à prova da linguagem comum, não porque não se esvazie, mas porque trata justamente do vazio. Antifilosofia? A profundidade cioraniana é a confissão da superficialidade. Confissão e lamento.

Esta declaração de Cioran, publicada no El País (24/06/95) resume a maneira como leio e situo sua obra:

"O lado trágico da vida é às vezes cômico (...) O que me salva, para dizer vulgarmente, tem sido minha sede de viver, uma sede que me mantém e me permite vencer apesar de todo meu pessimismo..."

O trágico da existência na filosofia de Cioran é esse pessimismo levado às últimas consequências, como pontou Deyve Redyson (2011, p. 53-69), o que o torna, por vezes, cômico, já que toda constatação da insignificância da vida resulta paradoxalmente em maior vontade de viver.

Modo de ler Cioran: devagar, meditando, voltando e relendo. Pode ser em doses homeopáticas ou alopáticas. Ministrado ao acaso, em páginas aleatórias, disciplinadamente a-sistemático, em períodos irregulares, sem esperança de cura. O suicídio é um risco adverso. O uso é interno. Os resultados esperados é que, pe(n)sado o pior, viver se intensifique. Como efeitos colaterais não previstos, há o incômodo da lucidez. Indicar a leitura de Cioran só em casos drásticos de ausência de fé, ceticismo e desilusão. Ou para todos que aprovaram incondicionalmente a vida.

Quando Simone Boué, companheira de Cioran, encontrou seus cadernos, dos quais não sabia da existência, disse ter descoberto lá outro Cioran, ou melhor, outro registro de escrita. De fato, há um Cioran menos preocupado com o traço ilusório da linguagem filosófica, mais atento às pequenas coisas da vida. Mas há que se reconhecer que o estilo conciso e o gosto pelo sofrimento, ou melhor, o gosto por escrever sobre seus tormentos, continuam lá, como uma obsessão incurável:

"16 de agosto [1966]. Noite atroz. Este clima não me cai bem. Banhos de mar, ventos, calor, tudo contribui para reavivar meus males, fustigá-los, lembrá-los em minha consciência. Saí para passear às 5 pela orla da praia. E mais uma vez o encanto dessa paisagem surtiu efeito. Que sorte sofrer em semelhante quadro! Nossos sofrimentos necessitam de compensações, e não há nada mais triste que suportá-las em um cenário qualquer" (Caderno de Talamanca).

Me perdoe a sinceridade, Cioran, mas ri comigo mesmo de seus sofrimentos. Não por sadismo, mas porque tenho querido, minha vida toda, queixar-me em Ibiza.

Me surpreende a genialidade do escritor, capaz de pensar em mais de quinze livros e por toda uma vida, os seus próprios tormentos, sem jamais precisá-los, defini-los ou delimitá-los. De que se atormenta Cioran?

Gosto de como Cioran, pensador do pior, desbravador das misérias humanas, dedo-duro dos nossos falsos moralismos, se compadece e se apieda das fraquezas humanas. Aliás, se houvesse algum benefício possível no pensamento trágico, cujo terrorismo aniquila chão e céu, seria o de se apiedar de tudo o que é humano. Como essa belíssima passagem do Caderno de Talamanca, em que Cioran é sincero, maldoso, benevolente e contraditório. E tudo isso tratando do frívolo cotidiano:

"A paixão literária é para ele o que há de mais importante. X – que é incapaz de pagar uma cachaça a alguém, que digo, de pagá-la a si mesmo – está disposto a gastar uma considerável soma para publicar um romance em uma editora praticamente desconhecida e fraudulenta. E tudo apenas para ver seu nome na capa de um livro! Pois não é tão ingênuo para esperar ter sucesso. Mas nunca se sabe! Sem uma forte dose de ilusão, como aceitaria se separar de seu dinheiro?"

(Tudo isso é pura maldade. Deveria me compadecer de quem é capaz de semelhantes fraquezas em vez de zombar dele. Seria preciso revelar as fraquezas dos demais com um tom de compaixão, sempre. Compaixão, única coisa da qual nunca se tem o bastante)."

Conheço muitos homens e mulheres como X. Poucos como Cioran.

Meus avós maternos eram romenos como Cioran. Como Cioran abandonaram a terra e a língua. Por parte de pai, o Almeida português e aventureiro. Terei herdado a mesma maldição de Cioran e Fernando Pessoa, estrangeiro aqui como em toda a parte?

Entrevista:

"Não escrevo para me livrar do que poderia chamar 'minhas obsessões'; o faço para atenuá-las".

Livro:

"Fragmentos, pensamentos fugitivos, você diz. É possível chamá-los fugitivos quando se trata de obsessões, ou seja, de pensamentos cuja característica principal é justamente não fugir?" (Confissões e Anátemas).

O que o homem elege como ilusão pode facilmente se travestir de realidade, ou por força de muito pensar ou por negligência da imaginação. Sempre que uma verdade fosse dita, deveríamos esquecê-la rapidamente, antes que se tornasse mentira.

Descrever o mundo em fragmentos é ser fiel aos olhos.

A sabedoria de Alberto Caeiro: "O mundo não se fez para pensarmos nele / (Pensar é estar doente dos olhos) / Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo..."

Cioran conseguiu? Fernando Pessoa? Nietzsche? Schopenhauer? Buda? Chuang Tzu?

Creio ser mais fácil pensar contra o pensamento que nada pensar.

Fazer do exercício metódico de se compor pensamentos fragmentos de ficção. Injetar poesia, pelo simples prazer de ver uma palavra combinar com sua rival. Esse o segredo da retórica. Essa a arte de criar. Viver o mundo como um jogo. Inventar as próprias regras.

E o que pensa quem não gosta de Cioran?

O filósofo catalão Ramon Alcoberro ancora sua crítica no fato de que Cioran teria sido fascista na Romênia. Está publicado em seu [site pessoal \(http://www.alcoberro.info/pdf/cioran2.pdf\)](http://www.alcoberro.info/pdf/cioran2.pdf) como notas para um debate "Pró e Contra" no Ateneu Barcelonés, por ocasião do centenário de nascimento de Cioran (2011). A base de sua argumentação é de ordem ideológica, portanto pautada em nadas. E razões filosóficas? Alcoberro tenta extrair esta:

"Filosoficamente falando, Cioran comete um erro argumentativo de principiante na técnica argumentativa que se denomina 'decisionismo'. O mesmo erro que cometeu Unamuno, certamente. O decisionismo consiste na tendência a responder 'porque sim' quando se deve argumentar, ou se se prefere, é a tendência a considerar que, por fim, algo é como é só 'porque eu sei', ou 'porque necessito que seja assim'. Trata-se de uma versão mais sofisticada da unilateralidade. Quem opta pelo decisionismo, converte a própria biografia (o que alguém sofre, pobrezinho!) no único critério valorativo, com

se ninguém mais pudesse ter experiências também valiosas, mas no sentido oposto."

Apesar do vazio filosófico, o trecho é bastante ilustrativo de uma estratégia crítica tão antiga quanto Platão e que consiste em atacar a pessoa (moral ou ideologicamente) na impossibilidade de argumentar contra seus pensamentos filosóficos. Os sofistas padeceram disso, Epicuro, Montaigne... Por que seria diferente com Cioran?

É preciso que se diga que Cioran temia menos os detratores que os discípulos? Estes nos falsificam, enquanto aqueles nos mantêm vivos.

Cioran não se encaixa, ou não se encaixa completamente, na vertente trágica da filosofia aberta por Nietzsche e continuada por Clément Rosset. Cioran não é um filósofo da afirmação. Quando mira a existência, o pensamento ou a ação humana, é para injetar mais veneno, para somar mais negatividade ao que já aparece como negativo, é para testar todas as possibilidades de negação, sabendo de antemão que jamais falhará.

Rosset (2000, p. 95-102), em sua obra dedicada à leitura de Nietzsche e ao elogio da alegria, abre um post-scriptum para tratar do "descontentamento de Cioran".

O que Rosset chama de descontentamento é o sentimento de insignificância, "da igual e morna insignificância de qualquer coisa". Para Rosset, "qualquer coisa que venha a existir é, grosseiramente falando, duplamente insignificante: por ela mesma (insignificância 'intrínseca') e por sua relação com as outras coisas (insignificância 'extrínseca'). Insignificância intrínseca: a existência é agregado, encontro, fruto do acaso; ela não apresenta sentido na medida em que não pode se autorizar de necessidade alguma (aqui Cioran está de acordo com Lucrecio e com Pascal). Insignificância extrínseca: a existência é derrisória pela situação que ela ocupa, imperceptível, nas séries do espaço e do tempo (aqui Cioran está de acordo com Pascal e Kierkegaard)".

Isso significa que tudo o que existe é infinitamente pequeno para ser considerado. Rosset é lapidar: "O paradoxo da existência – Cioran acrescentaria, não sem alguma razão, seu horror – é pois, de uma só vez, de ser alguma coisa e de não contar para nada".

O que Cioran deseja como místico não seria uma experiência que nos tirasse da insignificância geral de toda existência?

Ainda com Rosset:

"A mesquinhez da existência, atacando-se a tudo, mina também o melhor dela, reduz qualquer coisa à condição derrisória e humilhante de não ser senão essa coisa e nada mais. Não há lugar reservado na mixórdia da existência: a sina de nada ser de apreciável é a mesma para todos. O dom da existência é um presente envenenado, já que acompanhando-se, automaticamente, de uma impiedosa intimação pra a pequenez na ordem do infinito; por isso Cioran professa que a existência é uma vergonha, uma humilhação sem possibilidade de recurso ou de resgate, uma minoração paradoxal para o homem que troca, ao nascer, um potencial infinito pela 'fragilidade imunda' da existência. Do inconveniente de haver nascido, título de uma célebre coletânea de Cioran, confunde-se com o inconveniente geral de existir, de ser um isso para sempre desprezível na infinidade de tudo aquilo".

Rosset explicita bem o descontentamento de Cioran. Seria preciso dizer que o descontentamento de Rosset é que Cioran não propusesse, como desfecho de seu pensamento, a alegria de viver?

Parece que há uma exigência estrutural que provem ou do texto escrito (por necessidade ou costume) ou do exercício lógico de pensar que consiste em engendrar, após o desenvolvimento narrativo ou argumentativo, um final. Como que a denunciar que nossa vida se finda com a

morte. Se há história, ficção ou não (todas são?), há desfecho (ou profecia). Se há religião, há salvação. Se houver filosofia, necessariamente terá de haver saída? É preciso, depois da constatação do pior, algo mais? Não poderíamos simplesmente tocar a vida em frente, com a repetição pouco variável do cotidiano?

A história – ficção ou não (todas são?) – é também uma forma, ainda que específica, de negação da vida.

Se o pensamento for bem pensado, não poderíamos simplesmente repeti-lo (ainda que com outras palavras)?

Os trágicos da negação – ou pseudotrágicos, como prefere Clément Rosset (1989a) – são os que veem a precariedade da existência (sua insignificância e pequenez), mas não conseguem afirmá-la, lamentando-se da ausência de sentido, de necessidade e de princípio. Os trágicos da afirmação, como Lucrécio, Montaigne, Baltazar Gracián, Nietzsche e Rosset, afirmam a vida incondicionalmente. Mais especificamente Nietzsche e Rosset elegem a alegria como prova de afirmação: adesão ao real, mesmo quando este se mostra desagradável. Mas como proceder com Cioran, que não elege a alegria nem tangencia qualquer ilusão?

É possível que jamais encontremos em seus escritos a afirmação da vida. Mas se vertermos de seu jarro filosófico todas as negativas, é provável que sobre, não como afirmação, mas como uma negação que jamais se fez, justamente a vida vivida sem objetivo. Porque, efetivamente, Cioran jamais a negou, ainda que tenha negado todos os argumentos em sua defesa.

Cioran não negava a vida, mas que a vida fosse qualquer coisa. Não negar aqui como forma avessa de afirmação.

É legítimo argumentar filosoficamente com fatos biográficos? Ou só o texto, o que

foi tocado antes, durante e depois do texto, o pensamento, o dito e o não dito é que valem?

A amabilidade de Cioran para com seus amigos e os de sua convivência é talvez sua maior defesa da vida.

Mas se isso não conta no jogo de filosofar, o que dizer de seus Exercícios de Admiração?

Naquilo em que pensamento e texto se confundem, a lei do sentido interpreta pela redundância simbólica, as máscaras metafóricas do mesmo que se repete, da atitude verbal que retorna. O esquema Cioran, sua estratégia lógica, é sempre pensar o pior. Não importa o tema que elege ou se impõe. Seu pensamento é sempre o do pior possível. Pensamento do contra. Não há outra necessidade na filosofia de Cioran que o pior. A vida? É o horror! O mundo? O inferno! A história? A queda... Pensando sempre o pior, Cioran descontenta-se constantemente, pois nada do que pensa é tão negativo quanto seu pensamento. É dessa maneira avessa que Cioran se cura de si mesmo. É este o remédio que sua filosofia impõe. Não à toa, Cioran justificava a quantidade exagerada de livros por ele escritos (em sua perspectiva) pela finalidade terapêutica que proporcionaram enquanto se escreviam.

Eis como o pior é ainda uma estratégia (às avessas) de afirmação.

O único ato capaz de negar integralmente a vida é o suicídio. E a vida é longa e repleta de oportunidades para o ato. Na incapacidade de agir, resta ainda a eloquência do silêncio. Toda outra forma de negação é ilusão ou um modo muito específico de afirmação.

"Duvido que Epicuro, Platão e Pitágoras tenham acreditado seriamente em suas teorias dos átomos, das ideias e dos números. Eram demasiados sábios e prudentes para crerem em coisas tão incertas e tão discutíveis. O que na realidade pode assegurar-se é que, dada a obscuridade das coisas do mundo, cada um desses grandes

homens procurou encontrar uma imagem luminosa delas" (Montaigne apud Rosset, 1989b, p. 29).

A lucidez que Cioran se atribuía é de um tipo muito específico. Às coisas obscuras da vida, de que fala Montaigne, Cioran não nos oferece uma imagem luminosa, mas projeta sobre ela uma sombra ainda mais escura.

Cioran também era sábio e prudente para crer em seus próprios impropérios e maldições. Leu muita filosofia e exercitou a dúvida como poucos. Não à toa reconhece: "Sempre andei no sentido da incompletude" (Entrevistas).

A filosofia sempre riu dos supersticiosos, dos crentes, do senso comum e da superficialidade.

Com Cioran, aprendemos a rir dessa filosofia que acredita na grandeza de seus próprios pensamentos.

"Sobre o mesmo tema, sobre o mesmo acontecimento, posso mudar de opinião dez, vinte, trinta vezes em um dia. E pensar que cada vez, como o último dos impostores, me atrevo a pronunciar a palavra 'verdade!'" (Do inconveniente de haver nascido)

"Quando um filósofo fala de linguagem não o leio; quando é um escritor, atiro seu livro. Na França, pode-se dizer que todo homem que escreve está fascinado e paralisado por este problema. Não é o que o que você pensa sobre a linguagem que me interessa, mas o uso que você faz dela, sua linguagem própria – o instrumento e não a reflexão sobre o instrumento" (Caderno de Talamasca).

"Meditar sobre qualquer coisa, exceto sobre a linguagem" (Idem).

"7. O que não se pode falar, deve-se calar" (Wittgenstein, 1968, p. 129)

Não pensar sobre a linguagem, não refletir sobre o instrumento, jogar fora a escada depois de subir. Ou a filosofia encontra uma perturbação essencial ou será passatempo divertido, forma de pensamento fracassada, acrobacias lógico-literárias.

Também se filosofa com o silêncio

"A única experiência profunda é a que se realiza na solidão. Aquela que resulta de um contágio permanece superficial – a experiência do nada não é uma experiência de grupo" (Entrevistas).

Vivemos a era da informação, do conhecimento e da educação? Não, vivemos a era do contágio, do ruído, do roteador, do wireless, das ondas.

Flutuamos na superfície.

Hoje, a melhor eloquência é a do silêncio.

"(...) o que no homem é força eficaz não fala, não está estruturado como uma linguagem" (Rosset, 1989a, p. 71).

Daí o recurso hiperbólico da escrita de Cioran: um profundo silêncio sobre a linguagem, sobre o raciocínio, sobre os passos argumentativos, sobre a escada por onde subiu (ou desceu) suas reflexões; em alto som, ouvimos "apenas" a conclusão de suas meditações, elevada ao quadrado da expressividade poética.

Seu veneno é para ser tragado e não manipulado.

"Equivocar-se, viver e morrer enganados é o que fazem os homens" (Breviário de Decomposição).

Quais as vantagens de não se equivocar, de viver e morrer lúcido? Ou: há algum benefício a se extrair do conhecimento da morte que amenize o fato de ter que morrer? Ou ainda: a filosofia pode exercer alguma utilidade diferente na vida dos iludidos e dos lúcidos? Ou, para terminar, a sabedoria pode ser um antídoto à esperança?

"Existir equivale a um ato de fé, a um protesto contra a verdade, a uma oração interminável..." (A Tentação de Existir).

"Viver, realmente, é viver sem objetivo" (Entrevistas).

"Um livro que, após haver demolido tudo, não se destrói a si mesmo, exasperou-nos em vão" (Silogismos da Amargura).

Eu diria o mesmo deste meu breve texto semeado aos pedaços, que não teve outro objetivo que mostrar que Cioran é como a vida. Não há razões que justifiquem sua leitura, empreender sua defesa é uma empreitada perdida, mas ainda assim o lemos e nos sentimos bem, ou ao menos livres, ao ver confirmada nossa total irresponsabilidade de viver. Lemos Cioran pela mesma razão que Lucrecio nos diz suave mari magno. Pensar o pior é a única forma de afirmar a existência.

In: REDYSON, Deyve (org.). Emil Cioran e a Filosofia Negativa: homenagem ao centenário de nascimento. Porto Alegre: Sulina, 2011.
WITTGENSTEIN, Ludwig. Tractatus Logico-Philosophicus. Tradução de José Arthur Giannotti. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

Referências

- CIORAN, Emil. La tentation d'exister. Paris: Gallimard, 1956.
- _____. De l'Inconvénient d'être né. Paris: Gallimard, 1973.
- _____. Aveux et Anathèmes. Paris: Gallimard-Arcades, 1987.
- _____. Syllogismes de l'amertume. Paris: Gallimard, 1987.
- _____. Précis de decomposition. Paris: France-Loisirs, 1991.
- _____. Cahier de Talamanca. Paris: Mercure, 2000.
- _____. Entrevistas. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- ROSSET, Clément. A lógica do Pior: elementos para uma filosofia trágica. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989a.
- _____. Princípio de Crueldade. Rio de Janeiro, Rocco, 1989b.
- _____. Alegria: a força maior. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- REDYSON, Deyve. "O interesse pelo pior. O conceito de péssimo na metafísica de Cioran".